

6

Considerações Finais

Abri esta tese apresentando os caminhos que me levaram a iniciar o desenvolvimento desta pesquisa. Para isso, procurei demonstrar como leituras e reflexões realizadas no âmbito acadêmico imbricaram-se a experiências pessoais e profissionais que então vivenciava. Esse relato deu o tom narrativo, reflexivo e, principalmente, processual com o qual escrevi todo o trabalho. A surpresa eventualmente expressada, o por vezes inusitado diálogo com o leitor e as dúvidas e certezas que pontuaram as últimas laudas são a confissão de que pouco do que há aqui preexistia à sua redação nestas páginas. Acredito ser isto a virtude narrativa desta tese: por um lado, narro para entender; por outro, me faço entender porque narro.

Esta tese, portanto, não é relato ou produto de uma pesquisa. Este documento não é um registro feito a *posteriori*, cujas reflexões iniciaram e terminaram antes de sua redação. Não preenchi etapas, não escrevi o que já sabia, não registrei certezas positivas. Ao contrário! Apresentei dúvidas, questionei leituras, indaguei a mim mesmo e tive como meta dar profundidade a essas incertezas, tentando – com mais ou menos sucesso – superar sempre de quaisquer constrangimentos que rotineiramente emergiam. Faço tais afirmações porque entendo não haver qualquer incongruência entre elas e o que se entende como um processo de doutoramento. Dessa forma, essa tese não é produto de uma pesquisa, mas é, como espaço de reflexão, a pesquisa em si.

O objetivo principal ou inicial deste trabalho foi anunciado nos primeiros momentos de seu capítulo de apresentação. Movido pela estranheza que me causaram as dinâmicas interpessoais quando de minha chegada em um novo ambiente de trabalho e intrigado pelas razões subjacentes àquela sensação de estranhamento, debruicei-me sobre a noção de discurso como instância constitutiva do social e, por conseguinte, como peça da qual não poderia prescindir em uma busca por compreender a complexidade daquilo que chamei de lugar-escola. Pude então estabelecer o primeiro propósito desta pesquisa: estudar e explicitar a forma como estudantes de uma determinada escola constroem discursivamente (e há muito mais para além do discurso?) aquele lugar. Entendi que esse trabalho de

escuta atenta tornaria visíveis sentidos da escola que então eu ignorava. E esses sentidos importam porque, e isso é fundamental, eles são constitutivos. Lembremos mais uma vez da exaltada frequentadora da praia de Copacabana. Não havia muros cercando a praia, não havia uma lista formal com nomes de convidados ou *personae non gratae*. Sua revolta contra a “invasão” de um espaço aberto e público não faria qualquer sentido se não a olhássemos do ponto de vista do discurso. Da mesma forma, apostei que somente desse mesmo ponto de vista, discursivo, faria sentido olhar para o lugar-escola buscando realmente compreendê-lo.

Mostrando-se viva e saudável, autonomamente a pesquisa gerou uma demanda e entregou-me na forma de questão. Ao investigar a construção discursiva daquele lugar-escola, não pude ignorar a pluralidade de sentidos investidos na e projetados pela escola investigada. Se a escola não é o que preveem os documentos do estado ou anuncia seu plano pedagógico e político, ela se abre para uma infinidade de sentidos por vezes descolados de qualquer nível de formalidade. Impõe-se a celeuma: vários sentidos são possíveis porque é possível que diferentes sentidos sejam igualmente válidos ou haveria um sentido verdadeiro e outros negligenciáveis? Conforme sugerem as perguntas retóricas com que encerrei o capítulo anterior, acredito na primeira alternativa. Na perspectiva socioconstrucionista do discurso e até mesmo amparado por abordagens revisionistas da etnografia clássica, penso não ser possível a existência de um sentido único, uma verdade positiva derradeira. Diante desse quadro, tributário da discussão iniciada na empiria do objetivo expresso no parágrafo anterior, surge vinculado um objetivo teórico traduzido na discussão que acabo de apresentar. Assim, é possível também afirmar que esta tese é sobre pensar *discurso* como meio para explorar os limites entre ficção e real tomando como arena o processo de construção (discursiva) de um lugar-escola. Ainda, pode-se ler esta tese como um estudo a respeito da repercussão do discurso, imaterial e escorregadio, na dimensão das interações cotidianas.

O fato de a construção discursiva do lugar-escola ter sido estudada por meio de sua manifestação em três tipos de dados diferentes possibilitou que se tivesse uma visão mais holística do fenômeno. Foi graças a isso que pudemos investigar aspectos adjacentes aos objetivos principais desta tese sem que com isso tergiversássemos fugindo ao escopo da pesquisa. Pudemos, dessa maneira, pensar

o aspecto subjetivo do texto etnográfico, o aspecto criativo/inventivo mesmo da fotografia documental e deslocar e realocar o centro de uma discussão sobre lugar e sobre identidade sem prejuízo de nenhum dos dois conceitos. Debater a questão etnográfica aliando-a a contribuições sobre pesquisas com base nas artes abriu caminho, por exemplo, para que este trabalho se constituísse em alguns momentos como algo semelhante a notas de campo. Falar sobre a história da fotografia e algumas das técnicas utilizadas nessa prática foi de fundamental importância para esvaziar seu sentido de “retrato da realidade”. Vimos assim que a fotografia é também discurso no sentido em que constitui e é constituída por subjetividades e pelo macrosocial ao qual comumente chamamos “realidade”. De toda e qualquer forma, o lugar é identitário (e identidade) e a identidade é, em muitos aspectos, local. Entendendo a ideia de lugar, percebemos sua relação com a ideia de identidade; entendendo a ideia de identidade, percebemos sua relação com a ideia de lugar.

Tenho afirmado que esta tese não é o *produto* de uma pesquisa. Entretanto, não poderia ingenuamente negar que, como qualquer pesquisador postulando um título de doutorado, segui uma série de requisitos estabelecidos pela academia a que ora submeto este trabalho. A divisão em capítulos, a existência de determinadas seções e seu conteúdo me impediriam afirmar o contrário. O que ocorre e o que venho tentando dizer é: esta tese foi em alguns momentos experienciada como uma nota de campo ou como um ensaio teórico. Esse fato tem algumas consequências relevantes na maneira como se deu a escrita desta pesquisa.

Nesse sentido, destaco o capítulo cinco, no qual ocorre a chamada análise dos dados empíricos. Aquela seção não é, em absoluto, o centro deste trabalho. Por extensão, os capítulos que a antecedem e a sucedem não são preparos e arremates das questões desenvolvidas naquele capítulo. Conquanto auxiliem no desenvolvimento da análise, os capítulos teóricos gozam de certa autonomia. Isso acontece porque, conforme venho anunciando, tenho aqui pretensões teóricas as quais foram abordadas ao longo de todos os capítulos, notadamente o segundo e o terceiro deste texto. Foram diversos os construtos e autores apresentados e debatidos ao longo desses capítulos, mas esteve sempre presente um índice de coesão. A noção e discurso com seu potencial apaziguador de dicotomias e aparentes paradoxos velhos conhecidos dos pesquisadores das ciências humanas

atravessou todas as discussões e foi posta em diálogo com cada uma das contribuições teóricas que nos trouxeram os autores elencados neste trabalho.

Ao discutirmos o conceito de lugar nas perspectivas da antropologia e da geografia humanista, pudemos explorar pontos de interrelação com a ideia de discurso como ferramenta constitutiva do social, da forma com enxergarmos e concebemos tudo o que nos cerca. Dessa maneira, pudemos concluir que o lugar, grosso modo compreendido como espaço habitado, é senão o espaço tomado em sua dimensão discursiva, encerrando os sujeitos, (inter)ações e história.

Perceba que algo semelhante se deu em nossa discussão acerca do conceito de identidade. O que tratamos sobre essa noção com auxílio de diferentes autores encontra ressonância na perspectiva socioconstrucionista. Especialmente, a maneira como Ricouer (2010 [1988]); 2014 [1990]) enfrenta o caráter ambíguo da identidade – ora estável ora fluida – interessa aqui. Conforme procurei mostrar no terceiro capítulo desta tese, apresentando a ideia de identidade narrativa, o filósofo insere a identidade no âmbito do discurso, o que torna o aparente antagonismo entre duas de suas características, fluidez e estabilidade, um aspecto constitutivo e harmônico de sua constituição.

Por fim, discutir real e ficção me pareceu relevante porque, herdeiros de um positivismo a que bem verdade muito devemos, comumente somos ensinados, instruídos, recomendados, alertados a deixar de lado qualquer coisa que se pareça com a inventividade ficcional na construção de uma pesquisa científico-acadêmica. Por isso discuti o tema no capítulo dois e voltei a ele sempre que possível, na forma de debate teórico e análise, tentando sempre chamar atenção para algo que percebo e com o que concordam autores trazidos para esta tese: o limite entre esses dois polos não é tão claro como talvez desejássemos. Sua intercontaminação, portanto, impossibilita que se realize esse recorte de modo seguro. Dito de outra maneira, inevitavelmente estaremos sempre lidando com versões, sem nunca realmente alcançarmos o que convencionamos chamar de fato. E é uma vez mais no discurso que pensamos a dicotomia fato (lido como verdade) e ficção (lida como mentira). Curiosamente, é a mesma abordagem discursiva a responsável por instaurar e abrandar essa questão. No caso específico da questão tratada nesta tese, de um lado temos a perspectiva socioconstrucionista do discurso compreendendo a

possibilidade de haver mais de um e, algumas vezes, antagônicos entendimentos acerca do lugar-escola aqui estudados. Isso, que em uma perspectiva essencialista de realidade poderia configurar um contrassenso – afinal, só deveria haver uma verdade – não constitui qualquer problema no nível do discurso, uma vez que agora as possibilidades hão de ser múltiplas.

Dito isso, sinto a necessidade de registrar que não negligencio de modo ingênuo os conflitos entre os discursos existentes e seus representantes que tentam torná-los hegemônicos. A escola que me foi apresentada pela diretora não é a mesma que me foi descrita por colegas professores ou pelos alunos para quem lecionei em meus três anos de casa. Da perspectiva das disputas discursivas, o que aproxima todas essas escolas talvez seja sua ambição de tornar-se, diga-se, a “versão hegemônica” durante algum tempo e em algum contexto discursivo. Ora, eu mesmo não poderia prometer não ter entregado ao leitor uma narrativa argumentativa quando falei dessa escola.

Finalmente, retomo as inquietações vocalizadas por Barone (2008) na Apresentação desta tese. Parece-me que a escola pública conforme retratada pela grande mídia externa àquele contexto efetivamente afeta a percepção de meus estudantes sobre sua própria escola. Não por acaso, mesmo os participantes desta pesquisa que nunca vivenciaram outras possibilidades de escola compõem uma espécie de senso comum sobre a baixa qualidade da escola pública, demonstrando ainda conhecer o que faltaria àquele lugar para que se tornasse uma instituição de ensino, diga-se, de qualidade. Entretanto, o efeito dessa apropriação é diferente do que se poderia esperar. Os estudantes não reproduzem ingenuamente o discurso pessimista acerca da escola pública. Ao que parece, o fazem como maneira de, por um lado, mostrarem-se perspicazes, sabedores de um consenso corrente; e, por outro, nessa mesma linha, afastam-se da imagem de vítimas reforçando sua agência, afirmando suas escolhas e, frequentemente, combatendo discursos difamatórios. Por isso, levando em conta ainda a vontade anunciada na Apresentação deste trabalho de dar voz àqueles que constituem, abusando da ironia, de *fato*, a escola, entrego as últimas linhas desta tese. Minha parte se encerra.

Abaixo, reproduzo respostas de alunos participantes da pesquisa a leituras que professores, colegas do curso de doutorado, fizeram dos registros fotográficos

que compõem esta tese. As observações digitadas reproduzem os comentários desses professores enquanto as reações dos estudantes aparecem escritas à mão. Pretendo, com isso, preservar a voz desses alunos, fazê-los audíveis a nossa escuta, muitas vezes desatenta.

Primeira estudante

- Essa escola é igual a qualquer outra escola. Não há nada que a diferencie, que a torne "especial".

Discordo. Por que pode até aparecer, mas aqui tem pessoas que conseguem mudar seu dia e te fazer pensar o resto do dia inteiro no que acontece ou aconteceu.

- O lugar parece organizado.

Concordo. A escola mudou em dia e bem organizado, vista do que era antes.

- O lugar parece muito "frio", impessoal. Possivelmente vocês não se identificam, não se relacionam bem com a escola onde estudam.

Discordo. A pessoa da instituição por quando, agente se relaciona bem com todos desde os professores, diretores até os funcionários responsáveis pela limpeza.

- O lugar parece sem muita alegria, triste.

Discordo. Por que o que mais tem aqui e pessoas alegres, felizes, tem pessoas que já chegam sorrindo fazendo brincadeiras, mas tem um lado da que eu não via nesta escola.

- A escola parece vazia. Parece que nada acontece na escola.

Discordo. Por que o que mais tem são pessoas e coisas diferentes o tempo todo.

POR QUE VOCÊ ACHA QUE OS PROFESSORES TIVERAM ESSA(S) OPINIÃO(ÕES) SOBRE A ESCOLA?

A verdade eu nem sei, porque mas fotos aparecem alguns se relacionando ativamente de exportar, as Cozinheira Cozinhande (permitir que eu tira-se a foto) e pessoas brincando.

Segunda estudante

- Essa escola é igual a qualquer outra escola. Não há nada que a diferencie, que a torne "especial".

Eu descrevo dessa forma. Porque sem várias pessoas diferentes os alunos são diferentes as pessoas que frequentam o local são totalmente diferentes. Novos e nem ninguém ou lugar são iguais.

- O lugar parece organizado.

Descrevo, porque o local é totalmente organizado mas de certa forma é.

- O lugar parece muito "frio", impessoal. Possivelmente vocês não se identificam, não se relacionam bem com a escola onde estudam.

Sim o lugar é frio, mais impessoal do que não está dizendo que todos se dão bem, mas temos uma boa comunicação uns com os outros ou a maioria de nós.

- O lugar parece sem muita alegria, triste.

Não haver. De onde você tirou isso?

- A escola parece vazia. Parece que nada acontece na escola.

? Não. Nem tudo o que parece é o que é.

POR QUE VOCÊ ACHA QUE OS PROFESSORES TIVERAM ESSA(S) OPINIÃO(ÕES) SOBRE A ESCOLA?

Porque eles não participam do ensino e por isso os professores acham que alunos não são totalmente capacitados para exercer tal função. Como pode um professor dizer que uma escola não é especial.

Terceira estudante

- Essa escola é igual a qualquer outra escola. Não há nada que a diferencie, que a torne "especial".

Discredo. Pelo simples fato que nenhuma escola é igual. Cada uma tem sua diferença, e se não conhece bem a nossa escola, a percebe como ela é diferente de outras escolas.

- O lugar parece organizado.

Nossa escola é e não é organizada, tipo meu tempo. Por que tem pessoas que eles colocam mais importância ou seja, mais organização. Isso torna ela não tão organizada assim.

- O lugar parece muito "frio", impessoal. Possivelmente vocês não se identificam, não se relacionam bem com a escola onde estudam.

Discredo. Por que nos relacionamos muito bem. Claro que nem todo mundo é amigo, mas também nem todo mundo é inimigo.

- O lugar parece sem muita alegria, triste.

Discredo. Por que no D22, a gente somos muitos felizes, esse negócio de tristeza não combina com a gente.
Você foi infeliz com o seu comentário!

- A escola parece vazia. Parece que nada acontece na escola.

Discredo. Pelo simples fato, que na nossa escola acontece muitas coisas diferentes a cada semana.

POR QUE VOCÊ ACHA QUE OS PROFESSORES TIVERAM ESSA(S) OPINIÃO(ÕES) SOBRE A ESCOLA?

Pelo simples fato, que a maioria das opiniões foram "súbe-re-las" e desagradáveis. Realmente não conhece a nossa escola.